



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

Tradição e formação das culturas afro-brasileiras: o espaço (físico e simbólico) das crianças

Juliane Olivia dos Anjos*

Resumo: Neste trabalho apresento uma reflexão sobre o espaço das crianças nas culturas afro-brasileiras, partindo do rico universo simbólico e material do candomblé. Minha argumentação parte da observação da recorrente presença e da qualidade da presença das crianças tanto na esfera mítica quanto na esfera física do convívio e manutenção – e recreação – das tradições africanas e afrodescendentes. Isto, suponho, indica tanto uma grande relevância das crianças na estruturação destas culturas, além de toda uma rede formativa e educativa para as crianças organicamente inseridas nas comunidades de terreiro.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira; Candomblé; Infância; Educação.

Abstract: In this work I present a reflection on the children's space in Afro-Brazilian cultures, starting from the rich symbolic and material universe of candomble. My argument is based on the observation of the recurring presence and quality of the presence of children both in the mythical sphere and in the physical sphere of the conviviality and maintenance - and recreation - of African and Afro-descendant traditions. This, I suppose, indicates both a great relevance of the children in the structuring of these cultures, as well as a whole educational and educational network for the children organically inserted in the *terreiro* communities.

Keywords: Afro-Brazilian Culture; Candomble; Childhood; Education.

Nas narrativas sobre a infância brasileira, os espaços comunitários e coletivos, como os terreiros de candomblé, grupos de capoeira, organizações culturais e políticas de bairro

* Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santos-SP/ Munzanzu Produções-BA. E-mail: juolivia@gmail.com

aparecem como mais relevantes para a identificação dos lugares ocupados pelas crianças na sociedade global brasileira do que a escola (ANJOS, 2012). Esta conclusão, junto a observações de agrupamentos culturais afro-brasileiros, leva este trabalho, ainda em projeto de pesquisa, aos espaços dedicados internamente às crianças nestas culturas, sobretudo no candomblé.

Neste trabalho analiso a recorrente presença das crianças nas linhas narrativas que compõem a fundamentação das práticas do candomblé. Elenco aqui, três categorias em que surge esta recorrência: (a) o aspecto mítico em que aparecem as narrativas sobre os orixás, que demarcam o culto e a tradição ancestral africana; (b) as narrativas criadas e recriadas a partir do contexto afro-brasileiro, como novos personagens incluídos no panteão do culto e crenças do cotidiano comunitário e religioso que envolvem a presença de crianças e (c) as práticas e vivências das crianças organicamente inseridas nas comunidades de terreiro, pautadas tanto pela necessidade material objetiva quanto pela fundamentação simbólica.

1. O Espaço físico e simbólico das crianças no candomblé

As crianças e os Orixás

Nesta categoria são analisadas as narrativas difundidas pela oralidade no cotidiano dos terreiros de candomblé, também catalogadas pela pesquisa de Reginaldo Prandi, em *Mitologia dos Orixás* (2001).

Utilizando este livro como uma referência e as falas (ou silêncios) do povo de santo, nota-se uma presença marcante das crianças nestes mitos, tanto os apresentados por Prandi, que seriam os mitos reguladores do vínculo do povo de santo com os Orixás - e que seriam os

mitos do jogo divinatório (Xavier, s/d)-, quanto os mitos que permeiam as práticas cotidianas do povo de santo.

Um dos mais importantes é a relação do Orixá Oxum com as crianças. Oxum, dentre os vários de seus domínios, seria o Orixá da fertilidade. À Oxum, também atribui-se a paciência, amor e certa meninice como seus atributos (paralelos ao domínio das águas doces no fluxo tranquilo e acolhedor os lagos) , necessários para o cuidado incondicional às crianças pequenas. Seria Oxum quem cuida para que os pequenos nasçam e cresçam, quem as deixa aprontar, quem as protege de malefícios sérios. Oxum seria responsável por cuidar das crianças, frágeis fisicamente, mas que, com sua proteção as permite fazer suas estripulias e crescerem bem. Há um mito, inclusive, em que Oxum transforma seus filhos em verdadeiras joias, a quem confere muito zelo, proteção e cujo brilho a envaidece. Em outro mito, Oxum leva para si, nos domínios das águas doces, o tão sonhado filho de Iemanjá por ela não ter cumprido corretamente uma obrigação, após ter sido ajudada por Oxum. As crianças do candomblé, então, são antes de tudo, protegidas, mimadas e regidas por Oxum.

No capítulo do livro de Prandi dedicado aos mitos dos Ibejis, encontramos a definição deste Orixá, que são duas crianças gêmeas: “Os Ibejis são poderosos, mas o que eles gostam mesmo é de brincar” (Prandi, 2001, p. 377). Os dois irmãos aparecem hora atormentados, hora protegidos por um terceiro gêmeo (Idoú), que seria o complemento, aquele que de fato fica na cabeça dos irmãos. Os irmãos têm um elo fundamental, em que um não pode viver sem o outro. Por isso os Ibejis são comumente retratados como uma estatueta de madeira sempre em par, indicada, inclusive por um dos mitos como a forma em que os Ibejis não poderiam mais ser desligados.

Mas há, sem dúvida, uma menção ainda mais profunda ao papel dos Ibejis para a estruturação do candomblé: assim como Oxum, uma Iyabá¹, detém os poderes da fertilidade – sem a qual uma família, um povo, uma cultura não tem continuidade – os Ibejis são a consequência da fertilidade, como as crianças que chegam junto aos vivos com o papel de mantê-los e renová-los.

Já pelo mito “*Os Ibejis nascem como abicus mandados pelos macacos*”, vemos o forte indício de quão relevante é a presença das crianças na estruturação do candomblé: “Abicus nascem para morrer e nascer de novo e morrer – esse é o jogo deles” (idem, p. 371). Os abicus, nesse sentido, são maus presságios, pois indicam a entrada na morte no cerne da fertilidade de uma família, de um povo. Advertem que há algo muito mal resolvido, uma punição por desrespeito a forças vitais (em que se inclui a morte) superiores aos vivos.

As crianças trazem a presença de Oxum e dos Ibejis, mas os abicus indicam a presença de Icu (a morte). Assim vê-se na presença das crianças na mitologia do candomblé tanto a presença da maior bondade, riqueza e alegrias, quanto a desolação da morte, desgraça e infertilidade. Por que exatamente nas crianças estão conferidos estes atributos? Importante notar que as crianças nunca dizem respeito unicamente a elas mesmas: elas são consequências de um ciclo, de uma tradição, de uma história. A morte de uma criança não é mau presságio biográfico, mas sim a sua família e ao seu povo. Seu nascimento e vida trazem bons presságios igualmente.

Intermediação simbólica e material

Muitos são os mitos do cotidiano que permeiam o imaginário, justificam as práticas e conferem sentido às comunidades de terreiro que se remetem às crianças. Uma delas diz que

¹ Iyabá: palavra iorubana que no contexto do candomblé se refere às Orixás femininas com poderes inquestionáveis, soberanos e implacáveis.

“é bom”² que se tenha uma criança junto de um barco recolhido³, para os processos de iniciação no candomblé, normalmente, crianças filhas de alguma das mulheres recolhidas no barco. Nenhum barco deixa de ser recolhido se não houver uma criança junto, mas há um consenso de que é um barco mais fértil o que tem a sorte de ter uma criança junto. Inclusive, Naandhojì India, a atual mãe de santo de uma das mais antigas e tradicionais casas de candomblé da nação Jeje, o Zoogodô Bogum Malê Rundó, em Salvador, tem em sua biografia de sacerdotisa o fato de ter sido a criança de um importante barco do Bogum, ao que muitos atribuem como os bons desdobramentos da casa, seja pelo vínculo importante que Mãe India carrega com o Terreiro do Bogum desde muito cedo, indicando ser uma verdadeira pessoa da casa.

Outra aparição não menos importante das crianças nesta estruturação do candomblé está na ligação do plano físico ao simbólico: os Erês. Estas são entidades em nível hierárquico abaixo dos Orixás, pois teriam tido vida terrena já no Brasil e, por isso mesmo, cumprem a função de intermediar o acesso das pessoas vivas aos Orixás, trazendo e levando recados, conselhos e pedidos de um plano a outro. São figuras carismáticas que gostam de brincar, comer doces e pregar peças nos adultos e que, curiosamente, costumam ter rixas com as crianças presentes nos terreiros.

As crianças no terreiro

Nas relações cotidianas nos espaços comunitários dos terreiros, fica evidente a estrutura de poder fortemente pautada na experiência/idade, o que lega às crianças um lugar desprivilegiado dentro desta hierarquia. No entanto, fui notando que, exatamente por isso, as

² Quando questionei a uma lawô – mulher com menos de 7 anos de iniciação – o sentido deste “é bom”, respondeu: “é bom porque é bom, porque ter criança perto é bom, ainda mais num momento como este”.

³ “Barco” é o nome que se dá ao grupo que fica recolhido no terreiro no processo iniciático do candomblé.

crianças têm autorização para circular por onde, como e quando quiserem, subvertendo a lógica da rígida estrutura e de papéis. Em outras palavras, é exatamente a invisibilidade das crianças o que permite que elas conheçam tudo o que acontece naquele espaço. Em alguns lugares observei a grande quantidade de crianças e sua importunação em meio a festas ou outras atividades da comunidade. Apesar de caretas, gritos e ameaças, elas jamais foram retiradas do convívio com os adultos em um espaço para as crianças.

Há obviamente alguns castigos, mas, *entre o que é permitido e o que é proibido, há um pequeno espaço livre destinado às crianças*. E, como quase nada é falado no candomblé sem que se tenha extrema necessidade, pelas posturas dos adultos com as crianças notei não a destinação de um poder ou responsabilidade, mas algo como que uma *indiferença dedicada*. Então, por exemplo, uma criança, menina, que no furor das brincadeiras e curiosidades infantis se intrometer a tocar um dos atabaques consagrados do terreiro de candomblé, haverá certo descaso dos adultos, certa concessão à brincadeira por um tempo antes das falas de proibição, quase como quem diz: mulheres não podem encostar nos atabaques, e esta menina só poderá encostar no atabaque porque é criança. A permissão consentida às crianças de circularem e experimentarem todos os lugares e papéis é um forte indício, junto da estrutura mítica, do que este projeto visa investigar: que as crianças ocupam um lugar fundamental para a estruturação das culturas afro-brasileiras e que estas culturas podem fornecer importantes elementos para a composição de narrativas (afro) brasileiras sobre infância.

2. Considerações – caminhos da pesquisa

O trabalho aqui apresentado está em andamento, ainda em fase de levantamento de questões e hipóteses que para a fundamentação mais complexa em uma posterior pesquisa de

[29/32]

mestrado. Por isto, ao invés de conclusões, apresento possíveis caminhos para os materiais, reflexões e hipóteses apresentadas.

A análise destas narrativas míticas não pode ocorrer sem a consideração da enorme complexidade que se confere ao candomblé, caráter tanto universalizante quanto particular. Ao mesmo tempo em que identificamos um esquema geral de funcionamento, origens mítica africana e social brasileira e congregação dos negros em torno de um mesmo espaço e culto, também existem diferenças importantes entre as nações de candomblé e, dentre nações, diferenças marcantes entre cada casa. Os mitos aqui trabalhados, tanto os catalogados por Prandi, quanto os coletados em vivência junto ao povo de santo, não são a totalidade deste material. Todavia, a variedade de fontes, junto da persistente presença das crianças, pode exatamente contribuir para a afirmação, foco desta pesquisa: de que o espaço (físicos e simbólico) das crianças no candomblé faz parte da estruturação e manutenção desta tradição.

É relevante afirmar que esta mitologia respalda pilares fundamentais. Antes de tudo, denota o resgate da ancestralidade africana, valiosa herança guardada pelas palavras e memória dos povos trazidos ao Brasil como escravos e seus descendentes, atribuindo, então, o caráter coletivo ao mito, aquilo que seria comum a todos os herdeiros desta tradição e história, bem como a responsabilidade de revivificar esta herança ao passá-la adiante.

A mitologia também se refere àquilo que o povo de santo deposita sua fé, os Orixás. Portanto trata-se também do caráter efetivamente religioso do mito que, fundamenta, ainda, as práticas de materialização das energias dos Orixás em terra, atribuindo-lhes cores, vestimentas, alimentos, temperamentos, etc. A materialização da mitologia dos Orixás está diretamente ligada, assim, à própria vivência cotidiana das comunidades de terreiro, pois determinam desde calendários até a importância da localização dos terreiros.

Ressalvo, no entanto, a antecipação da afirmação de que esta estrutura aqui proposta constituiria uma pedagogia, no interior das comunidades de terreiro, apesar de não negar esta possibilidade. Para compreendermos a relação das culturas afro-brasileiras com as crianças, não podemos observar apenas as relações estabelecidas internamente. Isto porque as condições objetivas para a manutenção destas culturas se dão também em outros âmbitos, principalmente o econômico, o social e o político (Hall, ; Moura, 1988; Pinho, 2010), fatores basais para a compreensão da dinâmica racial brasileira.

As crianças afro-brasileiras, mesmo as organicamente inseridas em culturas afro-brasileiras, de um modo geral não são exclusivamente pertencentes e formadas por estes grupos. Junto dos valores tradicionais afro-brasileiros, há exigências e formulações mínimas que a sociedade global coaduna para formação de todas as crianças, como a escolarização. E, devido às condições de opressão racial que passam pela possibilidade de estas culturas reproduzirem-se materialmente, quais são as condições que permitem às culturas afro-brasileiras formularem suas pedagogias, suas narrativas sobre infância a partir do referencial de sua tradição? Responder também a esta pergunta é um dos caminhos e desafios para o trabalho aqui proposto, daqui por diante.

3. REFERÊNCIAS

- ANJOS, Juliane Oliva dos. *Imagens de crianças no cinema. Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Educação, Cultura e Artes*, 2012: 43-52.
- HALL, Stuart. *Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG - Humanitas, 2009.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

PINHO, Osmundo Santos de Araújo. *O mundo negro - Hermenêutica Crítica da Reafricanização em Salvador*. Curitiba: Progressiva, 2010.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. “As teias entrelaçadas pela oralidade africana”. São Paulo. S/d.a. 8p.

_____, Juarez. “Valores universais da tradição Iorubá.”. São Paulo. S/d.b. 18p.